

O ANJO DECAÍDO
E OUTROS CONTOS

OUTONO DA VIDA

O sol mal surgira no horizonte quando Helena desceu para preparar o café da manhã, como sempre fazia.

Celso permanecia na cama. Acordara com os barulhos da esposa abrindo gavetas e portas do armário. Sem motivo aparente, ele fingiu ainda dormir. Ouviu os passos da esposa descendo a escada; lembrou-se que era sábado, o dia de irem para o sítio.

Notou uma quase melancolia em si, um sentimento incerto, mais próximo da tristeza. Era dia de toda família viajar para a antiga propriedade que fora dos avós de Helena. Lá permaneciam até o domingo à tarde. A viagem de volta era sempre lenta, pois quem dirigia no retorno era sempre a esposa que, no entender de Celso, tinha uma excessiva cautela ao volante. Aborrecia-se com a volta, no trajeto de duas horas transformado em três.

Abriu os olhos no quarto ainda na penumbra da cortina fechada. A melancolia mostrava-se mais definida, como o prenúncio da partida de alguém muito querido. Pensou que, talvez fosse pela proximidade do seu aniversário de quarenta anos que o impelia a essa tristeza. Nos últimos anos sentira esse mesmo mal-estar.

Novamente os passos de Helena. Desta vez subia as escadas e, em seguida, o barulho da porta do quarto das filhas. Ouviu nitidamente a sua voz acordando Júlia e depois, Joyce. Passos, outra porta abriu-se. Acordava, agora, Francisco. Celso sabia ser o próximo.

A esposa animava-se mais nas manhãs de sábado do que nos outros dias da semana. Era-lhe inconcebível qualquer final de semana

que não fosse ao sítio. Deitado de costas, o olhar perdido no teto, tentou se lembrar de um único sábado em que dormira até mais tarde, ou de um domingo em que vira a tarde tornar-se noite, na tranquilidade de sua casa. Não se lembrou.

Há quinze anos repetiam aquele rito. De repente deu-se conta que a melancolia era causada pela certeza daqueles dois dias serem iguais a tantos, inumeráveis, numa repetição que lhe pareciam eternas. Havia uma imutabilidade nessa vida repleta de certezas, segura, previsível. E agora esse desânimo advindo da certeza, da maçante obviedade.

Helena entrou no quarto, abriu a cortina e o chamou. Estavam em cima da hora, avisou. Que se levantasse e fosse tomar o seu banho, fazer a barba e descer para tomar o café da manhã. Hoje, se não se apressassem poderiam atrasar. A voz lhe chegava ao ouvido, sentenciosa, o “atrasar” como algo imperdoável, um fugir da responsabilidade a uma tradição sagrada, uma desatenção à hora do ofício. Celso levantou-se, tomou o seu banho, mas não fez a barba. Desceu para tomar o café com a mesma indisposição com que acordara. O mal-estar trouxe uma ligeira irritação e achou que a algazarra diária dos filhos à mesa, era maior a cada dia. A alegria dos três era uma antecipação da liberdade do campo, do correr sem receios pela amplitude de um horizonte sem perigos. Ele entendia isso, mas hoje não lhe amanhecera como um dia normal. Algum fantasma o visitara na madrugada, porém não havia certeza do que fosse.

Helena pergunta-lhe por que não fez a barba.

Responde perguntando “ora, por que tinha que fazer?”. “Porque sempre faz!” Nada podia sair do imprevisto, pensou Celso. Fechava a expressão e se aborrecia. Tinha receios do improvável. Subitamente lhe veio o desejo de não ir ao sítio. Um desejo tímido que foi crescente em seu pensamento, ocupando o espaço do vozeio das crianças e a voz de Helena, apressando-os.

“Devo, mesmo, ir?”, questionou-se. Eram todos uma família, agiam como se era esperado que agisse uma família, com união e comunhão. E o que era comunhão senão a participação em comum de crenças, interesses e ideias? E o que era a sua melancolia? O

desinteresse, a sensação do fastio da mesmice? Se fosse assim, por que deveria ir? Helena o chamava. Em seu rosto viu descontentamento, viu incriminação; “já estamos atrasados!”.

Os filhos já estavam dentro do carro, numa alegre algazarra. Ele, sentado, colocou as mãos sobre a cabeça, apoiando o cotovelo na mesa. “Eu não vou...”, ouviu-se dizer de forma surda, ensimesmada. Helena perguntou o que disse e, sem esperar resposta, repetiu que “já estamos atrasados, Celso”. Aprumou-se, e a voz lhe veio firme, decidida. “Hoje eu não vou. Quero ficar em casa”.

Espanto, raiva, incompreensão do sentido de suas palavras? Não suportou continuar a olhar para Helena. Via os arabescos tão conhecidos, tão monótonos dos azulejos da cozinha. “Que história é essa, agora, Celso? Como assim, não vou? Anda, as crianças estão esperando e me deixando maluca!”. Não foi o suficiente para arrefecer a sua decisão abrupta.

“Então vai, Helena. Diz a eles que vou ficar em casa... Quero arrumar os livros na biblioteca, ficar sozinho...”. Helena transtornou-se. Questionou, cobrou, exigiu. Celso, com um sentimento de opressão no peito, deixou-a falando sozinha e subiu para o quarto. Ficou ao lado da janela, com um vazio que só não era total devido à angústia.

A perna de apoio começava a doer-lhe. Não soube quanto tempo ficou ali. Viu o carro partir, viu portas se abrindo, as pessoas ocupando as calçadas, um carrinho de bebê empurrado por uma sorridente mãe, viu o seu passado e a inutilidade do agora. Voltou-se e largou o corpo na cama. Cobriu os olhos com uma toalha e isolou-se da claridade e da vida externa.

Adormeceu e sonhou. Estava na estrada e de repente o carro ficou instável. Eram fezes de vacas e cavalos. Eles pastavam e defecavam sobre a pista e o volume foi aumentando, fechando a passagem totalmente. Ansioso, via o estrume vir em direção ao carro e, em desespero deu marcha à ré e o veículo deslizou velozmente para trás. Pisava no freio, mas a velocidade só aumentava. Havia muitos veículos na sua retaguarda e se pôs a ziguezaguear, numa incômoda posição, o pescoço virado para trás, assustado, desviando de batidas eminentes. O freio não obedecia à pisada forte do seu pé. E voltava.

Após acordar, pensou no sonho bizarro, tentando descobrir um sentido oculto.

Lembrou-se que estava sozinho naquele devaneio maluco. Disse a si mesmo que sonhos não têm explicação. Segredos do inconsciente, portanto, bobagem perder tempo tentando entendê-los. Olhou para o relógio e viu que tinha dormido por quase três horas seguidas. Levantou-se e saiu para a rua.

Caminhou sem pressa. Logo se viu no parque municipal, com seus refrescantes bosques e um grande lago. Há tempos não ia até lá, apesar de morar menos de dez minutos de caminhada do local. O sol já estava alto e era pequeno o número de pessoas fazendo caminhada. Sob as árvores, sentados na grama, casais de namorados e algumas crianças que corriam atrás de pombos.

Comprou uma água de coco em um quiosque e entrou no bosque, procurando um banco para se sentar. Olhou para o lago e se perdeu numa introspecção que oscilava no feitio da água, sob a circulação de uma família de patos, de um lado a outro.

Uma sólida trajetória, construindo toda uma vida, com determinação desobrigada ao que não fosse à família e ao trabalho. Nunca parara um segundo sequer se era mesmo isso que desejava para si. E era? “É essa vida que quero para mim, a vida que escolhi ou fui por ela escolhido?”, meditava ainda em angústia. “Se tivesse procurado outros interesses, como seria eu? O que existe além do que conheço desta vida ordinária, corriqueira?”. Colocou o coco vazio numa lixeira próxima ao banco. Viu passar à sua frente dois homens abraçados. Um gargalhava com alguma história, que o outro contava em risadas. “Gays... Quanta coragem, a certeza do que desejam para si, lutando diariamente contra o preconceito, a discriminação e, felizes!”. Sentiu-se envergonhado de si mesmo. “Talvez seja isso mesmo, o medo do novo, do inusitado...”.

Depois de casado não houve outra mulher, não houve mais a companhia de amigos em uma mesa de bar, divertindo-se com bobagens, dando boas risadas. Quinze anos rotineiros, seguros, previsíveis. Nenhuma nova emoção, nenhuma regra quebrada, a

metodologia do casamento perfeito. “Qual a alegria de um casamento assim? Qual deleite recompensador?” Não houve desprazer, como não houve delícias, encantos. Agora, sim. Agora um desencanto repentino... “Qual o estopim que detonara esse despertar de insatisfação? Um sonho, talvez? Ou a falta deles?”.

O último sonho que se lembrava ter sonhado fora o dessa manhã, mas fora “um sonho de merda, literalmente”. Levantou-se. Não queria pensar no que lhe parecia inexoravelmente perdido. Era a vida que tinha, fosse da sua escolha ou não. Caminhou em volta do lago e sentiu fome. Voltou, sem pressa, para sua casa, já um pouco melhor. Precisava de solidão e a estava conseguindo. Mas não era a solidão do estar consigo mesmo, era uma necessidade de se afastar de Helena, das crianças, ver a vida sem interferências do seu grupo familiar.

Fez um lanche reforçado, ao seu modo, ao seu sabor.

Nem o degustou, pois havia voracidade e satisfez-se, finalizando com um suco de laranja. Voltou ao quarto e tomou outro banho. O dia estava quente e a caminhada o estafara. Vestiu uma bermuda azul e uma camiseta lisa, branca. A cama lhe parecia convidativa. Deitou-se e procurou não pensar e, assim, adormeceu. Desta vez não teve sonho. Ao acordar, viu que passava de quatro da tarde. Pensou em ir ao cinema, “talvez na sessão das dezenove horas”. Dirigiu-se à biblioteca e escolheu um livro a esmo. Folheou suas páginas displicentemente. Recolocou-o na estante. Analisou lombadas e deparou-se com um exemplar dos “Sermões da Sexagésima” de padre Antônio Vieira. Abriu uma página ao acaso e leu: “Dá-me grande exemplo o semeador, porque, depois de perder a primeira, a segunda e a terceira parte do trigo, aproveitou a quarta e última, e colheu dela muito fruto. Já que se perderam as três partes da vida, já que uma parte da idade a levaram os espinhos; já que outra parte a levaram as pedras; já que outra parte a levaram os caminhos, e tantos caminhos, esta quarta e última parte, este último quartel da vida, porque se perderá também? Porque não dará fruto? Porque não terão também os anos o que têm o ano? O ano tem tempo para as flores e tempo para os frutos. Porque não terá também o seu Outono a vida?...”

Sorriu intimamente. Era o outono da sua vida? Deixou o livro sobre a mesa e acessou a internet. Leu notícias, abriu a caixa de e-mails,

leu e respondeu alguns, e distraiu-se em páginas de fotos. Era um hobby que abandonara. Quem sabe pudesse voltar a fazê-lo? Registrar momentos únicos, que jamais se repetirão... A tentação era grande. Talvez voltasse mesmo a fotografar, mas precisava de um bom equipamento.

Por volta das dezoito horas, desligou o computador e foi caminhando até ao shopping. Marcou no relógio: vinte e dois minutos. Olhou a programação de filmes e escolheu “Intrigas de Estado” do inglês Kevin Macdonald. Envolveu-se na trama e gostou, em especial, do desempenho do ator Russell Crowe.

A atenção no filme foi tirada por um rapaz que veio se sentar ao seu lado. Reparou que devia ter por volta dos vinte anos, embora a penumbra pudesse dissimular as feições. Celso tentou se concentrar novamente no enredo, mas sentiu o rapaz ajeitar-se na cadeira e quase tocá-lo com o ombro. Percebeu que estava sendo observado e sentiu um misto de desconforto e curiosidade.

Observou o jovem, com o extremo do seu campo de visão, e ele realmente o observava.

Ao ter certeza, ajeitou-se melhor na poltrona, tentando manter uma distância maior do rapaz. O filme se encaminhava para o final quando sentiu uma mão sobre sua perna. Olhou para o ocupante da poltrona vizinha, disposto a dar-lhe um soco, mas conteve, murmurando, “tira sua mão, por favor!” Não foi obedecido e, ao contrário do que pretendia, sentiu um frio no estômago, uma sensação já esquecida. Respirou fundo e levantou-se. Saiu do cinema e caminhou rapidamente para a rua em direção à sua casa.

Celso tinha a cena na cabeça, a lembrança da sensação que aquele toque atrevido lhe provocara. Diminuiu o ritmo dos passos e voltou o olhar para trás. O jovem o acompanhava à distância. Continuou a caminhada, desta vez sem voltar o olhar. Ao chegar ao portão da residência, olhou e o viu na calçada, a poucos passos de onde estava. Entrou na casa deixando o portão e a porta sem trancar. Sentou-se na sala, sentindo a respiração ofegante pelo esforço da caminhada.

De frente para a porta, viu a porta ser aberta e o rosto juvenil

surgir na abertura. Era mais jovem do que imaginara. Não chegara aos vinte anos e tinha um olhar calmo e atento. Ficou calado, observando-o se aproximar. Parou a poucos passos de Celso e sem tirá-lo dos olhos. Era de altura mediana, vestia roupas adequadas à idade, com jeans e tênis. “Oi...”, arriscou-se a cumprimentar. O olhar de Celso era avaliativo e respondeu ao cumprimento com uma indagação, “quem é você, como se chama?”

“Rosano... E você?”, perguntou ainda de pé, esperando um convite para se sentar. Celso não sabia o que acontecia, por qual motivo deixara um estranho entrar ali, mas não estava achando ruim, ao contrário, havia certo prazer na constatação de ter sua residência violada, invadida. A sua residência, a sua privacidade exposta a um estranho.

“Celso... Meu nome...”, indicou uma poltrona com a mão e Rosano se sentou. Ofereceu uma bebida, ele aceitou uísque. Celso foi ao pequeno bar na sala de estar e preparou dois drinques. Ao voltar viu o jovem examinando alguns quadros na parede. Entregou-lhe um copo, perguntado se gostava de pintura. “Não entendo nada...”, falou sorvendo um gole da bebida. “Mas penso que não é mesmo para entender, não é? Dizem que é para sentir, absorver...”. Celso ficou calado alguns instantes e depois perguntou o que ele sentia. “Nada”. Voltou-se e ficaram frente a frente.

“O que deseja, afinal..., me seguindo?”, Celso perguntou, com dificuldade, sentindo desconforto com aquela proximidade. “E o que pretende você, deixando a porta aberta para eu entrar?”, sorriu ao dizer estas palavras e Celso achou que era um belo sorriso. Sem saber o que responder, voltou-se e caminhou para a poltrona onde estivera sentado. Antes de se acomodar, sentiu a mão de Rosano em seu ombro, puxando-o. Novamente aquele frio, o coração ganhar outro ritmo. “Eu quero emoção..., e você?”.

Celso não respondeu de imediato, estavam muito próximos, e um suor frio no corpo acompanhou as pernas que fraquejavam. “Não sei o que quero... Talvez, apenas conversar... Podemos conversar?”. Rosano entortou a cabeça, analisando sua face, onde passou a mão suavemente. Não entendia a si mesmo, muito menos aqueles sintomas de uma ansiedade adolescente há muito esquecidas. Não se distinguia como homem, nem a Rosano. Eram dois seres e em seu corpo, sensações

renovadas, diferentes no tempo, mas de um prazer intenso. Poderia beijar Rosano, naquela hora.

Caiu sentado na poltrona e pediu ao rapaz que se sentasse também. Virou o úisque e perguntou se Rosano aceitava outro. Não aceitou. Aquele ainda estava pelo meio. “O que está havendo comigo? Enlouqueci? Deus, quero estas emoções, mas não quero pecar... Eu preciso pecar para retemperar a vida? Tenho ainda esperanças, ou ao menos direito a elas?”. Pôs uma dose dupla de úisque enquanto pensava.

“Minha vida ainda pode ser refeita? Posso ainda fazer escolhas, fugir da previsibilidade, saborear novas emoções... Outros corpos?”. Bebeu um grande gole e notou que a sua angústia agora era outra, advinda de uma pressão por tomar uma decisão e enveredar por um caminho que lhe era estranho, contudo prazeroso.

Celso, debruçado no balcão, sentiu os braços de Rosano envolver-lhe pela cintura e encostar o corpo no seu. “Deus... Gostoso”, uma curiosa excitação lhe invadia. Mais um pouco e a emoção decidiria em lugar da sua razão já abalada. Veio uma vontade de chorar. E viu Helena assistindo aquela cena e teve vergonha. As crianças também viam com olhares reprovadores, seu corpo reagir às carícias de Rosano.

Sentiu-se no seu limite. Celso não se percebeu gritar ao mesmo tempo em que empurrara Rosano, jogando-o no solo. Perdera-se de si mesmo. E via como estivesse fora de seu corpo, chutar o rapaz caído, tentando se defender com as mãos sobre a cabeça. Chutava e gritava sons sem significados, eram gritos de desespero, prazer e raiva, gritos de ódio e glória.

Quando se sentiu cansado de chutar o rapaz, levantou-o e pôs-se a socá-lo, e via, com satisfação no olhar, a sua própria imagem. Rosano caía sobre móveis e, ao se levantar, era jogado sobre outros objetos da casa, de encontro a paredes, aparadores, quebrando com o choque, diversas louças e cristais.

Consegui se esquivar de Celso e saiu cambaleante pela porta por onde entrara.

Celso percebia seus gritos misturarem a um choro que iniciara

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

